

PARA UMA APRESENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO JUDAÍSMO NA CATEQUESE

Hugo Chagas Feitosa

Graduado em Teologia - Claretiano Centro Universitário, Especialista em Cultura Judaica-Cristã História e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, Mestrando na área de Teologia Bíblica pela PUC-SP. Professor do CCDEJ.

RESUMO

A catequese é uma das etapas da chamada iniciação a vida cristã, onde oferece de forma institucionalizada e sistematizada o conhecimento do mistério de Cristo e da Igreja. Fundamentando-se em dois pilares, a sagrada escritura e a tradição, o catequismo busca transmitir ao novo membro da *ecclesia* o conhecimento da palavra de Deus e dos atos dos seus apóstolos e das suas comunidades. Para que tais conhecimentos tenham uma absorção plena, profunda acerca do conhecimento de Jesus em todos os seus aspectos, tanto para crianças, jovens e adultos, é necessário saber a base da religião na qual ele vive e professa sua fé. Este artigo aborda a história do ensino catequético na Igreja Católica de maneira a extrair sua relação com os fundamentos judaicos na apresentação da história da salvação e de seu salvador. Destacamos, ainda, a maneira de se apresentar na catequese contemporânea os elementos judaicos contidos tanto na palavra como na tradição.

PALAVRAS-CHAVE

Catequese, Judaísmo, Igreja Católica, Espiritualidade Judaico-Cristã.

ABSTRACT

Catechesis is one of the sacraments of the so-called initiation into the Christian life, where it seeks in an institutionalized and systematic way to make known the mystery of Christ and the Church. Based on two pillars of sacred Scripture and Tradition, it wants to impart to the new member of the *ecclesia* the knowledge of the word of God and the deeds of his apostles and their communities, so that such knowledge may be more properly absorbed, profound and capable of making Jesus known to children, youth and adults alike, the foundation of the religion from which he lived and professed his faith is necessary. This article seeks to address the history of catechetical teaching in the Catholic Church in order to draw its relationship with the Jewish foundations in the presentation of the history of salvation and its savior, and in the way in which contemporary Jewish catechesis is contained in both the word and the Bible.

KEYWORDS

Catechesis, Judaism, Catholic Church, Jewish-Christian Spirituality.

INTRODUÇÃO

Com início no seio de Jerusalém após a morte de Jesus e o evento de *Pentecostes*, o cristianismo naturalmente se apresentava como um ramo judaico de espiritualidade em que o messianismo havia se cumprido. Por isso, organizar as bases deste messianismo foi a primeira forma de catequese do movimento: Jesus é o messias esperado que, em vida, habitou entre os homens, foi crucificado, ressuscitou no terceiro dia após sua morte, e há de voltar para julgar os homens e completar o tempo messiânico estabelecendo o reino de Deus e sua justiça.

Estas premissas são a base de ensino de um cristianismo que sai muito rapidamente da Palestina e é acolhido em terras pagãs. Com o número cada vez maior de *gentios* que aderem ao novo modelo judaico e ao surgimento crescente de comunidades cristãs, a necessidade de uma base doutrinária para evitar a dispersão do movimento e a conservação das instruções originais de Jesus e dos apóstolos fazia-se necessária. Contudo, qual era o ensino correto nas diversas questões que foram surgindo naquele choque cultural de costumes e religiosidade?

Questões como circuncisão, alimentação, liturgia, hierarquia desafiavam o novo movimento que, para se manter coeso, não bastava anunciar, era preciso instruir seus direcionamentos. Dentre estes ensinamentos, duas fontes históricas são de grande importância para se entender melhor este quebra cabeça: a primeira é o chamado concílio de Jerusalém relatado no livro de Atos dos Apóstolos (At 15,1-30), em que uma das primeiras disputas teológicas do cristianismo questionava a comunidade de Antioquia sobre a questão de a circuncisão ser necessária para a condição de o crente em Cristo participar de seu reino.

A contenda vai parar em Jerusalém e é discutida por dois grupos farisaicos que se converteram ao movimento cristão: o primeiro, a favor do cumprimento da lei mosaica, o segundo tendo como líder um famoso mestre farisaico, Paulo de Tarso. Sabemos que o grupo paulino sai vencedor da disputa que libera de pagãos e gentios a necessidade da circuncisão, mas deixa o alerta em questões alimentícias: é necessário cumprir o que proíbe a Torá neste assunto sobre a carne sacrificada a deuses. Todavia o que mais chama a atenção na disputa é o fruto desta discussão, que é o documento emitido deste debate. Uma carta em que a igreja de Jerusalém através de sua liderança

atestava que o correto ensino a se anunciar a partir deste momento seria este, o cristianismo seria uma religião sem circuncisão. Isto pode simbolizar o primeiro documento oficial produzido pela igreja. (Segunda fonte histórica que ilumina o entendimento sobre a catequese primitiva é a *didaqué* (Διδαχή que significa instrução), um escrito do primeiro século que traz uma série de ensinamentos para comunidades cristãs que se espalhavam rapidamente pelo Império Romano. Assim, o cristianismo se desenvolveria pelos séculos com a característica missionária de anunciar o evangelho, fazer discípulos e transmitir a fé, que, em resumo, implica uma transmissão sistematizada de sua doutrina, a catequese.

A DIDAQUÉ

Podemos afirmar que este texto do primeiro século depois de Cristo seja o primeiro no cristianismo que reunia ensinamentos evangélicos, práticas e normas de vida doutrinárias para comunidades cristãs. Nele, encontramos instruções sobre batismo, celebração eucarística, práticas de oração e jejum, hierarquia eclesial. Não é nenhum exagero dizer que a *didaqué* é o primeiro manual de catequese judaico-cristã. Esta primeira transmissão da fé contempla o que seria futuramente chamado de história da salvação, fundamentada nas tradições de fé já percorridas por Israel por um novo viés de um messianismo realizado, construindo assim suas primeiras linhas dogmáticas. Nela, podemos identificar facilmente tanto instruções dogmáticas - os sacramentos do batismo (Did VII), e eucaristia (Did IX-X), como os cuidados a serem tomados contra os falsos profetas e mestres (Did XI-XII) -, comportamentos morais - proibição do aborto (Did II,2) -, tratados teológicos - eucaristia vista como alimento espiritual para o cristão (Did X,3), trindade (Did VII,1.3) -, o batismo ministrado por imersão (Did VII,1) ou infusão (Did VII,3), confissão dos pecados (Did IV,14; XIV,1) -, e instruções litúrgicas - a existência de bispos e diáconos substituindo ou com a mesma dignidade dos profetas e mestres (Did XV,1-2), a celebração eucarística realizada aos domingos (Did XIV,1) Em geral estas linhas nos mostram como uma catequese encorpada de elementos alimentava a transmissão para os novos e os existentes membros das comunidades. Todavia, o grande destaque de todo este corpo é como ele está profundamente entrelaçado e

respaldado da tradição judaica. Um exemplo disto está no primeiro capítulo da *didaque* e no capítulo 30 do Deuteronômio:

Existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro o da morte. A diferença entre os dois é grande. O caminho da vida é este: Em primeiro lugar, ame a Deus que criou você. Em segundo lugar, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça a outro nada daquilo que você não quer que façam a você. O ensinamento que deriva dessas palavras é o seguinte: Bendigam aqueles que os amaldiçoam e rezem por seus inimigos, e ainda jejuem por aqueles que os perseguem. Com efeito, se vocês amam aqueles que os amam, que graça vocês merecem? Os pagãos não fazem o mesmo? Quanto a vocês, amem aqueles que os odeiam, e vocês não terão nenhum inimigo (Did I,1-3).¹

Eis que hoje estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se ouvires os mandamentos do senhor teu Deus, que hoje te ordeno – amando ao senhor teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, seus estatutos e suas normas, viverás e te multiplicarás. O senhor teu Deus te abençoará na terra em que estás entrando a fim de tomares posse dela. Contudo, se o teu coração se desviar e não ouvires, e te deixares seduzir e te prostrares diante de outros deuses, e os servires, eu hoje vos declaro: é certo que perecereis (Dt, 30,15-17).²

Podemos verificar também a citação da doutrina dos dois caminhos na epístola de *Barnabé* no capítulo 18, confirmando que a patrística tinha profunda relação doutrinária com os elementos judaicos. Entretanto, o primeiro concílio da Igreja irá soprar outros ventos para esta relação.

¹ DIDAQUE, Tradução de Pe. Ivo Storniolo e Euclides Balancin.. São Paulo: Paulus, 1989.

² Bíblia de Jerusalém

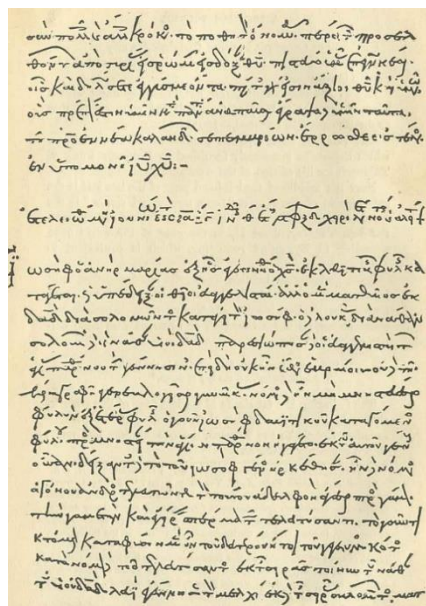


FIGURA 1 - DIDAQUÉ. FONTE: WIKIPEDIA.ORG

OS CONCÍLIOS E OS TRATADOS CATEQUÉTICOS

O objetivo deste artigo não é o de tratar diretamente da história dos concílios da Igreja e de suas deliberações, não obstante pretendamos extrair os elementos dos debates e decisões teológicas resultantes destes, e sobretudo, como estes podem dar luz na relação da instrução catequética com os elementos judaicos próprios da gênese intrínseca da fé. Dos 21 concílios reconhecidos pela Igreja, os estudiosos costumam subdividi-los em 4 grandes períodos, 7 concílios da antiguidade, 8 concílios da cristandade medieval, 4 concílios reformistas, e outros 2 da era moderna. Em face disto, questionamos: o que eles podem nos dizer sobre o ensino catequético e o judaísmo?

Dos 7 concílios da antiguidade pode-se destacar seguramente que a preponderância dos 4 primeiros de Nicéia (325), a Calcedônia (451) e o contexto conciliar dos 4 primeiros séculos da Igreja tem muito a nos dizer. A diversidade das comunidades cristãs dos primeiros séculos trouxe consigo a pluralidade hermenêutica dogmática. Apesar da figura papal central, a força das lideranças locais através de seus bispos eram mais fortes e preponderantes. Tal força traduzia-se também em tradição e

catequese, uma vez que os concílios que determinavam a catequese a se seguir eram de certa maneira locais e as disputas dogmáticas entre comunidades era inevitável. Este momento eclesial determinará quase que em sua totalidade os dogmas da Igreja, sobretudo em sua sistemática, questões como a trindade, a profissão de fé, o cânon e os cânones, a cristologia, e a celebração da Páscoa foram amplamente discutidas nestes séculos. A força das comunidades locais era uma pedra no sapato para um cristianismo mais coeso, todavia isto mudará influenciado diretamente pelas circunstâncias históricas, mais precisamente na alcunha de um nome: Constantino, e uma das mudanças promovidas é uma nova instância sinodal:

Sob Constantino, passa-se da condição de perseguição para a condição de tolerância do cristianismo, e, depois de preparação cada vez mais determinada de um regime de cristandade. A realidade eclesial passa a ser objeto do imperador, que vê a igreja como um elemento fundamental do seu projeto de governo, então o concílio, de estrutura interna da Igreja – expressão de sua comunhão de fé e disciplina – , passa a um instrumento para a realização do novo papel público que a igreja investiu e (...) embora a ação do imperador em favor do cristianismo tenha se estendido a muitos setores, nenhum sentiu tão profundamente a sua intervenção como a vida conciliar (...) que obtém um preciso reconhecimento jurídico e suas decisões passam a ter efeitos no âmbito das leis imperiais. O caráter público das assembleias eclesíásticas é, em particular, enfatizado pelo fato de que o imperador se atribui também a tarefa de convocar os concílios – ao menos de interesse geral – , e de definir os modos de participação e do seu desenvolvimento, além de dar sanção legal as suas decisões. (ALBERIGO, 2005, p.16).

A concepção de um cristianismo império estado (?) e a dogmática estabelecida em Nicéia, como por exemplo, o credo, suscitará diretamente no modelo catequético em voga. Deixará para trás, nesse sentido, os elementos da base judaica, para uma concepção documental e uma teologia doutrinal marcada quase que em sua totalidade pelos elementos ocidentais. Os próximos 3 concílios, Constantinopla 381, Éfeso 431, Calcedônia 451, se seguirão neste modelo, criando toda a musculatura do que se estenderá como o corpo doutrinal da Igreja. Podemos afirmar que é neste contexto que

se dá a ruptura de um modelo judaico-cristão para um unitarismo exclusivista cristão. Deve-se destacar também que é neste contexto que surge o axioma³ *extra ecclesiam nulla salus*⁴, e seu apoio na teologia desenvolvida por Santo Agostinho e seus discípulos como Fulgêncio de Ruspe:

Nos primeiros Padres da Igreja, antes de Agostinho, este axioma era particularmente aplicado a heréticos e cismáticos, ou seja, as pessoas que corriam o risco de separar-se da Igreja ou que dela haviam se afastado (...) a partir de Agostinho é que passa a vigorar uma interpretação mais exclusivista (...) um de seus discípulos, Fulgêncio de Ruspe, evidenciará de forma rígida de aplicação aos Judeus, e sua tese será usada e acolhida no Decreto para os Coptas no Concílio de Florença (TEIXEIRA, 2012, p. 22).

Essa concepção Agostiniana permeará a cristandade até a plenitude deste pensamento com São Tomás de Aquino, referendada em todos os oito concílios medievais, desde do primeiro Latrão em 1123 até o quinto Latrão em 1512 no alto medievo. São Tomás de Aquino, através da sua obra maior, *a Suma Teológica*, cria o modelo que será usado nas catequese futuras, separando em cinco partes o símbolo dos apóstolos: o pai nosso, a saudação angélica, o decálogo e os sacramentos. Nesta altura, a ruptura com o Judaísmo é total e não se aborda os temas judaicos no pensamento cristão. Os Judeus, em sua grande maioria, perdem seus direitos religiosos e civis e são alvos da Inquisição. A chamada Teologia da Substituição⁵ é o grande marco desta relação.

Os séculos seguintes ao padrão Agostiniano-Tomista foram efervescentes para a dinâmica catequética. Diversos movimentos que culminaram com a reforma protestante iriam produzir uma nova maneira de se catequisar os cristãos, apresentando pela primeira vez com o título oficial de catecismo. O protestante André Althamer desenvolveu a primeira obra utilizando o nome catecismo, seguido pelo catecismo menor de Lutero, que era muito parecido com os catecismos modernos que

³Sentença ou proposição que não é provada ou demonstrada como óbvio, mas que é um consenso inicial para a construção de uma teoria.

⁴Fora da igreja não há salvação

⁵Doutrina pela qual a aliança do povo de Deus com os judeus no antigo testamento é substituída pela nova aliança do novo testamento

temos hoje, em forma de perguntas e respostas. Este cenário fez com que a Igreja mudasse a forma de abordar a catequese e lançar seu primeiro catecismo intitulado, o Catecismo Romano ou Catecismo de Trento, por ser apresentado no Concílio de Trento. Este novo catecismo da Igreja foi uma das medidas adotadas pela Contrarreforma,⁶ e aproveita o modo de fazer perguntas e respostas como modelo didático pedagógico de ensino. A teologia da substituição continua em voga e o concílio está virado para a grande questão que é a razão a criação do seu primeiro catecismo. A reforma protestante, por sua vez, quer se tornar um referencial da vida Cristã oficial contra o maior cisma já visto pela Igreja

As obras anteriores que tratavam de catequese antes de Trento, sem exaurir o assunto, evidenciam largamente a prioridade do catecismo católico. Podemos dizer, sem nenhum favor, que a catequese católica retemperou a religiosidade do século XVI. Nessas tentativas de edições anteriores, porém, faltava certa unidade de plano. Não se fixara ainda uma terminologia, mormente nos catecismos Alemães, e as variantes comprometiam as vezes exatidão da doutrina. Nisso havia o perigo de se tornarem menos eficientes para combater as lábias dos inovadores, que de sua parte distribuía ao povo pequenos tratados de religião (Catecismo Romano, 1951, p. 29).

As questões 229 e 268 do primeiro Catecismo nos mostra como a Teologia da Substituição está veemente:

229. Em que consiste, mais em particular, o poder da Ordem? Resposta: O poder da Ordem, que perfaz a natureza do Sacramento, encerra em si não só o poder de consagrar a Eucaristia, mas também de preparar os corações, para a receberem digna e frutuosamente. Esse poder é superior ao sacerdócio natural, e ao sacerdócio hierárquico dos judeus. - 11 VII ,.s (CATECISMO ROMANO, 1541, p. 627).

268. O que significa o "Nome" de Deus? Resposta: Não se refere materialmente às letras ou às sílabas, como erroneamente julgavam muitos Judeus, mas à essência e majestade de Deus Uno e Trino. A todos os "Nomes" de Deus, que constam da Bíblia,

⁶ Também conhecida como reforma católica foi o movimento em resposta a reforma protestante iniciada com Martin Lutero em 1517.

devemos o mesmo culto e adoração (CATECISMO ROMANO, 1541, p. 631).

VATICANO II E A *NOSTRA AETAE*

A distância de mais de três séculos separam o Concílio de Trento do Vaticano I. Este foi o período mais longo da igreja sem concílios. O Vaticano é o primeiro concílio da era moderna e não chega ao seu final, uma vez que é encerrado prematuramente devido a tensão de Roma ser anexada pelo estado Italiano em formação, fato que viria a acontecer.

Em 1959, surpreendendo a todos, o Papa João XXIII eleito a menos de 3 meses ao cargo, convoca um novo concílio, o Vaticano II, que seria conhecido como a primavera da Igreja. Convocado para renovações e não para condenações doutrinárias, o evento foi um fato inédito na história conciliar. A palavra *aggiornamento*⁷ era o lema do concílio que se inicia em 1962, e segundo o próprio Papa era um concílio para “olhar de frente aos desvios, as exigências e às oportunidades da idade moderna” ler os sinais dos novos tempos era o mote e o espírito. Assim, dentro de nossa perspectiva do anúncio catequético, dois documentos revolucionam a relação da Igreja com o judaísmo e a catequese: *Lumen Gentium*⁸ e *Nostra Aetate*.⁹

A *Lumen Gentium* é a Constituição dogmática do Vaticano II sobre a *eclesiologia*. Embora possamos encontrar diversas reflexões entorno do mistério da Igreja, para a delimitação deste artigo o que nos interessa é a questão soteriológica e a superação do axioma de “fora da igreja não há salvação”, a nova constituição de salvação proposta pela *Lumen Gentium*: Deus quer a salvação de toda a humanidade, um princípio universal para a salvação:

Aqueles que [...] procuram, contudo, a Deus com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a Sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna. (LG, 16)

⁷ De origem italiana que significa “atualização”

⁸ Palavra latina que significa “Luz dos povos”

⁹ Palavra latina que significa “Nosso tempo”

A nova perspectiva desembocará na abertura da Igreja para o diálogo ecumênico e uma declaração será a responsável diretamente por isso a *Nostra Aetate*. Ainda, focando-se apenas nos aspectos constitutivos, podemos dizer, por um lado, que a declaração *Nostra Aetate* foi uma surpresa. Todavia, como elemento do *aggiornamento* dos sinais dos tempos e do contexto histórico das últimas décadas precedentes ao concílio, era possível essa releitura eclesiológica relacional da Igreja com outras tradições. Podemos citar aqui alguns fatos históricos considerados de maior relevância que estiveram neste horizonte, como as duas guerras mundiais, o forte contexto antissemita europeu e sua consequência na *shoah*,¹⁰ a criação da ONU após a segunda guerra e as intensificações de algumas instituições a favor do diálogo religioso como o Parlamento Mundial das Religiões que cunhou nas suas primeiras deliberações o início do chamado “macro ecumenismo” moderno. Também cita-se o surgimento do Conselho Mundial de Igrejas. Isto posto, é essencial citar aqui outros três fatores que formam este espectro da análise da *Nostra Aetate*:

O primeiro abrange as colaborações entre acadêmicos que contribuíram para um intercâmbio intelectual e um melhor entendimento da tradição do outro. O segundo, vale a pena lançar um olhar à área de Teologia e da Filosofia em que tanto cristãos quanto judeus se articularam diante da questão da relação ou distinção entre o Judaísmo e o Cristianismo. O terceiro, é o das instituições ou organizações criadas com o objetivo de defesa do judaísmo (enquanto religião moralmente digna, historicamente autossuficiente e espiritualmente funcional para seus seguidores) ou com o intuito de oferecer uma estrutura sólida para o intercâmbio bilateral. (FRANK, 2018, P.50)

Destaca-se também no final do século 19 a fundação da congregação de Nossa Senhora de Sion na França pelos irmãos Ratisbonne, Theodoro e Afonso, judeus que se converteram ao cristianismo e foram sacerdotes. A congregação passa a estreitar a partir do mundo católico o diálogo com os judeus, em 1928 um padre da ordem Théomir Devaux (1885-1967) fundou o jornal *La question d'Israel* que se aprofundava nesta relação. Ele foi proibido e confiscado pela Gestapo¹¹ em 1940. Do lado judaico, os

¹⁰ Palavra Hebraica para designar o Holocausto, que significa destruição ou massacre.

¹¹ Abreviação de *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta do estado nazista.

trabalhos exegéticos e de tradução dos filósofos Franz Rosenzweig e Martin Buber muito apreciados pelo mundo acadêmico cristão, contribuíram para esta retomada de relação. O ponto final para se destacar nos elementos que precederam a *Nostra Aetate* foi em 1959 o Papa João XXIII retirar a expressão “pérfidos” Judeus da oração da sexta-feira santa que existia no rito litúrgico pascal desde o século VII inserido no *Sacramentarium Gelasianum*. Portanto, todos estes elementos podem situar bem que a *Nostra Aetate* apesar de sua surpresa não “caiu do céu” mas foi fruto de um verdadeiro avanço histórico.

Com um forte laço antropológico, a *Nostra Aetate* cita a inquietação religiosa do Homem e a origem comum de toda a humanidade em um só Deus. Apesar de ser o documento mais curto do concílio, sabemos que Deus guarda os melhores perfumes nos menores frascos. Assim, os elementos teológicos implicados da *Nostra Aetate* são profundos. Suscitados por este documento, o mundo católico mergulhará no diálogo cristão-judaico nas décadas seguintes a sua publicação:

Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão [...] Sendo assim tão grande o património espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos [...] além disso, a Igreja, que reprovava quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum património com os judeus, e levada não por razões políticas mas pela religiosa caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus. (NA, 4, apud JUBILEU DE OURO DO DIALOGO CATOLICO JUDAICO: Primeiros frutos e novos desafios., 2019).

O CRISTOCENTRISMO DE UM JUDEU

25 anos após o Vaticano II, sob o pontificado de João Paulo II, a igreja elaborou um novo catecismo. As concepções teológicas trazidas pela *Nostra Aetate* podem ser diretamente percebidas, como por exemplo o fim da questão do Deicídio:

597: Levando em conta a complexidade histórica do processo de Jesus manifestada nos relatos evangélicos, e qualquer que possa ser o pecado pessoal dos atores do processo (Judas, o Sinédrio, Pilatos), conhecido só de Deus, não se pode atribuir a responsabilidade ao conjunto dos judeus de Jerusalém, a despeito dos gritos de uma multidão manipulada e das censuras globais contidas nos apelos à conversão depois de Pentecostes. O próprio Jesus, ao perdoar na cruz, e Pedro, depois dele, apelaram para a "ignorância" dos judeus de Jerusalém e até dos chefes deles. Menos ainda se pode, a partir do grito do povo: "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27,25), que significa uma fórmula de ratificação, estender a responsabilidade aos outros judeus no espaço e no tempo. (Parágrafo Relacionado 1735) Por isso a Igreja declarou muito oportunamente no Concílio Vaticano II: "Aquilo que se perpetrou em sua Paixão não pode indistintamente ser imputado a todos os judeus que viviam então, nem aos de hoje... Os judeus não devem ser apresentados nem como condenados por Deus nem como amaldiçoados, como se isto decorresse das Sagradas Escrituras" (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1992, p. 66).

No Brasil, a constituição do documento da CNBB, de 1983, chamado Catequese Renovada, deu o norte para a nova metodologia do ensino catequético, englobando todos os conceitos teológicos do Vaticano II, e da *Catechesi Tradendae*.¹² A consequência disto será um rápido desenvolvimento de materiais catequéticos como manuais e sobretudo livros de ensino formatados na pedagogia de ensino da tradição e da palavra de Deus. O ensino do Antigo Testamento e do judaísmo é realizado sob o olhar cristocêntrico, ou seja, prefigurando Jesus nos acontecimentos históricos do passado, e colocando sua existência anterior a toda história humana. Deste modo, com a figura já existente de Jesus são lidos os textos do Antigo Testamento e realizada sua

¹² Documento sobre catequese de João Paulo II

hermenêutica a partir dos elementos do Novo Testamento. A história da salvação é contada de trás para frente, mas não se pode esquecer que ela vem dos Judeus (Jo 4,22), e que conhecer Jesus é conhecer sua religião, seus conceitos e sobretudo como os debatia. Em resumo, isto é fundamental para conhecer os textos bíblicos do novo testamento:

A família de Nazaré foi de fato uma ótima família e viveu bem ao estilo judaico. (...) Jesus foi apresentado no templo como bebê, foi circuncidado como mandava a lei, com sua família oferecendo os sacrifícios determinados pela tradição judaica (Lc 4,18-21). Jesus foi plenamente judeu. O evangelho de João no capítulo 4 nos mostra Jesus dizendo a mulher samaritana, que a “salvação vem dos judeus” e também afirmou que não vinha para destruir a lei, mas sim para cumpri-la (Jesus Judeu, CNBB, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da catequese se confunde com a própria história da Igreja, já que o querigma é uma de suas principais funções. Esta, que em seu nascimento reunia uma espiritualidade judaico-cristã, que por diversos motivos e fatores históricos já citados aqui neste artigo foram se perdendo, encontra-se em um processo de reversão desta separação nos últimos 50 anos. Apoiado pela força da *Nostra Aetate*, que trouxe um novo frescor no diálogo religioso e uma reaproximação destes elementos na catequese, o modelo pedagógico atual do ensino bíblico com a leitura orante e o cristocentrismo enriquece o ensino catequético do Antigo Testamento. No entanto, nem tudo pode ser explanado pelo modelo cristocêntrico e não se pode abdicar de que as próprias narrativas bíblicas do Antigo Testamento, podem ser explicadas de forma mais cognitiva. Assim, para que este modelo também enriqueça e favoreça o entendimento dos textos bíblicos tanto do Antigo como do Novo Testamento, destaca-se a necessidade de um conhecimento de catequistas e de todo corpo de ensino catequético da espiritualidade e dogmática do judaísmo, não para um novo modelo judaizante dentro

da Igreja, mas para que estes elementos tragam luz para nosso entendimento. Dessa maneira, acentua-se no vocabulário da catequese que a primeira aliança não se faça parecer como algo velho e superado em face de outra que é nova e substitutiva é também de suma importância.

Formações de catequistas com essa hermenêutica e contextualização histórica são necessárias para um avanço maior. Aprofundar o conhecimento do corpo catequético e até eclesial da *Nostra Aetate* que em 2015 completou seu jubileu de ouro é sem dúvida fundamental neste interim. Neste mesmo ano, o Cardeal Kurt Koch, presidente do Pontifício Conselho para a unidade dos Cristãos, apresentou duas conferências em São Paulo¹³ na PUC onde aprofundou a reflexão sobre a *Nostra Aetate* e a implicação de seu conhecimento no *querigma* Cristão, ajudando a superar preconceitos e problemas históricos da Igreja com a comunidade judaica. “Caminhante não há caminho, se faz caminho ao caminhar”,¹⁴ e por isto este é o caminho para uma apresentação contemporânea do judaísmo na catequese: trazer ao seio do corpo catequético o que os documentos da Igreja já instruem, bem como semear este conhecimento na catequese. Isto posto, não se pode negar o avanço da unidade de leitura bíblica e o diálogo maior com nossos irmãos mais velhos na fé.

REFERÊNCIAS

- A CATEQUESE HOJE. Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ALBERIGO, G. (org.) História dos Concílios Ecumênicos. Trad. José Maria de Almeida. 4a. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Paulus, 2012.
- COELHO, A. S. *Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso. (Caderno de referência de conteúdo)* Batatais: Centro Universitário Claretiano, 2014.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.
- CATEQUESE RENOVADA. Documentos da CNBB 26. Brasília, 1983
- CATECISMO ROMANO. Rio de Janeiro: Vozes, 1951.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Conhecer nossas raízes, Jesus Judeu*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

¹³ As conferências do Cardeal e a tradução da *Nostra Aetate* podem ser encontradas na obra: *JUBILEU DE OURO DO DIÁLOGO CATÓLICO JUDAICO: Primeiros frutos e novos desafios*. São Paulo: Fons Sapientiae/CCDEJ, 2019, que também apresenta uma série de artigos que ajudam a elucidar o tema a partir da *Nostra Aetate*.

¹⁴ Trecho da poesia de Antonio Machado em sua obra *Proverbios y cantares*.

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1984 (Série: Estudos da CNBB)
- DIAS, H. D. *Novo Testamento, Tradução do grego para o português*: Brasília. Federação Espírita Brasileira, 2013.
- DIÁLOGO DA IGREJA CATÓLICA COM O JUDAÍSMO. Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion: São Paulo: 2010.
- DIDAQUE. Tradução de Pe. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. 1º ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões, do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004.
- FRANK, Usarki. *A Construção do diálogo: O concílio Vaticano II e as religiões*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- JESUS JUDEU. Brasília: Edições da CNBB, 2000.
- MAYER, Judite Paulina. *O conhecimento do Judaísmo na atual catequese do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Teologia)- Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1983.
- MIRUS, Thomas V. *Church Fathers: The Didache and the Epistle of Barnabas*. Disponível em: <<https://www.catholicculture.org/commentary/articles.cfm?id=628>> . Acesso em 14 de outubro de 2019
- NOSTRA AETATE. Disponível em :<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html> . Acesso em 29 de setembro de 2019.
- RIBEIRO, D.L, e SOARES RAMOS, M. (orgs.). *Jubileu de ouro do diálogo católico-judaico: primeiros frutos e novos desafios*. São Paulo: Fons Sapientiae/CCDEJ, 2019.
- TEIXEIRA, T. *Teologia e Pluralismo Religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.